



Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado



Alckmin contra as nuvens

Vice-presidente defendeu que Banco Central desconsidere inflação de alimentos e energia na definição da taxa de juros

Quando Geraldo Alckmin foi candidato a vice-presidente na chapa de Lula, em 2022, a justificativa para a ala mais à esquerda do PT é que o médico, ex-governador de São Paulo e rival histórico dos petistas, seria um nome para acalmar o mercado. Se isso era verdade, nesta semana, ele conseguiu ser a antítese de si mesmo.

Enquanto Lula estava no Japão oficialmente assinando acordos comerciais e tentando desenrolar a exportação da carne brasileira, Alckmin, também ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, vestiu o uniforme de presidente em

exercício. Com esse chapéu, declarou que seria melhor desconsiderar a inflação de alimentos e energia ao definir a taxa básica de juros.

A afirmação, em um evento do jornal Valor Econômico, pegou mal. Mais pelo que sinalizou do que pelo que foi efetivamente verbalizado. O doutor já tem muito tempo na política para saber que políticos dizem muito mais do que o que falam, principalmente no mais alto cargo da República.

O noticiário e as redes sociais não perdoaram, apontando que Alckmin queria mudar o cálculo de inflação promovida

a inimiga número um de uma possível reeleição de Lula. “Seria como o médico desconsiderar o colesterol ruim do exame de sangue”, provocaram.

A Agência Brasil tentou conter o estrago, publicando uma espécie de defesa oficial: ele não sugeriu mudanças no cálculo da inflação, só no que era levado em conta para definir juros. O ministro da Economia, Fernando Haddad, como se não tivesse crises o bastante em seu colo, teve que usar uma rodada de entrevistas e eventos para acalmar o público, garantindo que o governo não tentaria nenhuma solu-

ção mágica.

Se tivesse conversado com seu colega de governo, Haddad, ou com o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, Alckmin saberia que, para definir a taxa básica de juros (Selic), são levados em conta diferentes núcleos de inflação, não somente ela “cheia”. Está na discricionariedade do Comitê de Política Monetária (Copom) só mexer nos juros quando eles tiverem algum efeito real no controle da inflação. Se a causa for aumento do preço do petróleo ou uma seca na lavoura, como sugeriu Alckmin, cabe aos doutores do Copom colocar isso na conta, para não aumentar a crise.

Em meio a um descontrole inflacionário que empurra os juros aos dolorosos 15% ao ano, o presidente em exercício tentou desvincular o governo da inflação. “Se eu tenho uma seca muito for-

te, uma alteração climática muito grande, vai subir o preço de alimento, e não adianta eu aumentar os juros que não vai fazer chover”, disse, no fatídico evento.

A estratégia de colocar a culpa nas nuvens, não costuma dar bom resultado. Em julho de 2014, quando São Paulo vivia sua histórica crise hídrica, Alckmin, então governador do estado, tentou dizer que não havia um elefante na sala. “Eu, como sou da roça, aprendi que só chove em mês com ‘r’”, disse, minimizando a falta d’água. Não se mexeu o bastante e a população sofreu com cortes que chegaram a durar 30 dias.

Agora, falar de mudanças em cálculos ou culpar a natureza, em vez de trabalhar com a realidade, mostra mais uma tentativa de eximir o governo da culpa, na corrida eleitoral de 2026. O desabastecimento, dessa vez, é financeiro.



BANRICOMPRAS E VERO
A DUPLA
IMBATÍVEL
PRO SEU NEGÓCIO VENDER MAIS.

Pra quem compra,
é sem juros.
Pra quem vende,
é a menor taxa do mercado.
E tem muito mais:





Feira de Hannover

Guilherme Kolling, editor-chefe | de Hannover (Alemanha)  guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

Fiergs e Deutsche Messe abrem preparativos do Brasil para Hannover 2026

A agenda institucional mais importante para a comitiva brasileira na Feira de Hannover aconteceu na manhã de ontem, na Alemanha. Uma reunião no 18º andar do prédio-sede abriu os preparativos para a participação do Brasil como país parceiro na maior feira de tecnologia industrial do mundo no próximo ano.

O presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), Claudio Bier, foi recebido por Jochen Köckler, presidente da Deutsche Messe AG, empresa organizadora da Feira de Hannover e de outros eventos na Alemanha, e pelo diretor de Relações Internacionais da Deutsche Messe, Marco Siebert. Pelo lado brasileiro, além de Bier, também estavam presente a vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, de São Paulo, Barbara Konner, e executivos da Fiergs - o gerente de Relações Internacionais e Comercio Exterior, Luciano D'Andrea, e a diretora de Senai-RS, Sesi e IEL, Susana Kakuta.

Köckler saudou a participação do Brasil no próximo ano e demonstrou grande expectativa com a repercussão internacional que a iniciativa proporcionará à Feira de Hannover. Bier, por sua vez, afirmou que a delegação brasileira será ampliada, garantindo ao executivo da Deutsche Messe que, se nesse ano a delegação tem 75 integrantes, pelo menos 200 empresas brasileiras irão ao evento de tecnologia industrial no próximo.

O presidente da Fiergs ainda sugeriu a participação dos executivos da Deutsche Messe no EEBA - Encontro Econômico Brasil-Alemanha, a fim de divulgar a oportunidade de participação de empresas brasileiras na Feira de Hannover. A edição 2025 do evento anual acontecerá em junho na Bahia. Köckler e Siebert confirmaram na hora que irão participar do encontro.

Barbara Konner, da Câmara Brasil-Alemanha, de São Paulo, observou que o Rio Grande do Sul tem tradicionalmente uma partici-



Claudio Bier (centro) foi recebido por executivos da Deutsche Messe, organizadora da Feira de Hannover

pação importante na Feira de Hannover. E disse que a entidade irá promover roadshows para estimular a participação de mais empresas brasileiras no próximo ano.

Luciano D'Andrea, que acompanhou reuniões com a direção

da feira nos últimos anos, lembra que a escolha do Brasil como país parceiro é também resultado de um trabalho de longo prazo. “Foi um processo longo, que envolve nossa insistência, demonstrando a vontade de ser o país parceiro,

e também a liderança da Federação de Indústrias vindo conversar com dirigentes da feira e mostrar porque o Brasil deveria ser escolhido como país parceiro, pela sua indústria forte, com pequenas e médias empresas.”